



ELEIÇÕES / Ex-governador paulista dispensa o presidente do partido da coordenação da pré-campanha, após declarações contrárias à candidatura dele ao Palácio do Planalto. Dirigente reage com ironia

Doria “demite” Araújo e amplia crise no PSDB

» VINICIUS DORIA

A crise no PSDB se aprofundou em pleno feriado da Sexta-feira da Paixão. Em nota, o staff do ex-governador de São Paulo João Doria anunciou a “demissão” do coordenador-geral da campanha para o Palácio do Planalto. O problema é que a função estava a cargo do presidente nacional da legenda, Bruno Araújo (SP), que reagiu com ironia em uma publicação no Twitter: “Ufa!”, escreveu.

Araújo havia assumido a coordenação da pré-campanha no fim de 2021, mas, nos últimos dias, sua relação com Doria azedou. No início da semana, o presidente do PSDB participou de um jantar em São Paulo com empresários e defendeu a candidatura única dos partidos do auto-proclamado centro democrático, em detrimento de um nome próprio, aprovado em eleição tucana. Na ocasião, Araújo disse que a decisão de formar um consórcio partidário “é maior do que as prévias do PSDB”.

O desgaste, porém, estava em curso desde que Doria ameaçou abandonar a pré-candidatura, gesto que não foi bem-visto pela cúpula tucana. Anteontem, Araújo ainda se encontrou com o ex-governador do Rio Grande do Sul Eduardo Leite, derrotado nas prévias do partido, mas que tem apoio de uma ala da sigla para representar o PSDB na chapa única da terceira via, no lugar de Doria. As conversas com os presidentes do MDB, Baleia Rossi (SP); do União Brasil, Luciano Bivar (PE); e do Cidadania, Roberto Freire (SP), ampliaram o distanciamento entre o dirigente tucano e o pré-candidato.

O ex-governador paulista não gostou dos movimentos de Araújo. “Em recentes manifestações durante entrevistas e encontros empresariais, relativizou a candidatura de Doria — que venceu democraticamente as prévias do partido, em novembro. Essa postura, considerada pouco agregadora, motivou a decisão”, informou a equipe do pré-candidato, por meio de nota.

Estratégia

O blefe de Doria ocorreu em 31 de março, data em que renunciou ao governo paulista com a intenção de disputar a corrida presidencial. Como estratégia para forçar Bruno Araújo a apoiá-lo publicamente, o então governador espalhou que abriria mão da chance de se tornar presidencial por falta de apoio, o que impediria que Rodrigo Garcia (PSDB), então seu vice, assumisse o cargo, prejudicando os planos eleitorais do partido no estado. Na carta divulgada horas depois, Araújo afirmou que as prévias seriam respeitadas e que Doria teria legenda para ser candidato.

Logo depois do anúncio da “dispensa”, Bruno Araújo usou sua conta no Twitter para responder, em tom de ironia: “Ufa! Comando que nunca fiz questão de exercer. Aliás, ele sabe as circunstâncias em que e o porquê ‘aceitei’ à época. Aliás, objetivo cumprido!”. Ele não explicou o motivo de ter “aceitado” nem em que circunstâncias.

A coordenação da pré-campanha ficará a cargo do presidente geral do partido em São Paulo, Marco Vinholi, que também usou as redes sociais para comentar a troca. “Eu, como milhões de brasileiros, ainda tenho esperança no nosso país. Minha esperança tem nome e sobrenome: João Doria. Com a total confiança que ele reúne as melhores condições para retomar o desenvolvimento do nosso país, vamos em frente até a vitória”, postou. Vinholi foi descrito pela assessoria de Doria como “um hábil articulador político por sua ampla capacidade de diálogo”.

Doria seguirá com a pré-campanha até 18 de maio, quando PSDB, União, MDB e Cidadania prometeram anunciar os nomes que vão compor a chapa unificada para a sucessão presidencial. Além do tucano, estão na disputa pela preferência das legendas Luciano Bivar (União) e a senadora Simone Tebet (MDB). O ex-governador gaúcho Eduardo Leite corre por fora.

Pablo Jacob / Divulgação



Na cerimônia em que Doria renunciou ao governo para se candidatar a presidente, Bruno Araújo pareceu constrangido



Em recentes manifestações durante entrevistas e encontros empresariais, (Araújo) relativizou a candidatura de Doria. Essa postura, considerada pouco agregadora, motivou a decisão”

Trecho da nota divulgada pela equipe de Doria



Ufa! Comando que nunca fiz questão de exercer. Aliás, ele sabe as circunstâncias em que e o porquê ‘aceitei’ à época. Aliás, objetivo cumprido!”

Bruno Araújo, presidente do PSDB, em postagem no Twitter

Saiba mais

Fragilizado e isolado

Nas conversas entre as cúpulas de PSDB, MDB e União Brasil há consenso que o nome do ex-governador paulista João Doria hoje está fragilizado e isolado dentro do próprio PSDB, que não está disposto a abrir o cofre para bancar a campanha presidencial dele. O resultado obtido até aqui por Doria nas pesquisas também não ajuda. Segundo o último levantamento do Ipspe, o tucano soma 3% das intenções de voto. E o pior: 57% dos entrevistados disseram que não votariam

dele de jeito nenhum, rejeição que só não é superior à do presidente Jair Bolsonaro (PL) e à do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Há movimentações dentro e fora do PSDB para que o ex-governador gaúcho Eduardo Leite participe de uma chapa presidencial, possivelmente como vice da senadora Simone Tebet (MDB-MS), que é vista atualmente como o nome com mais condições para unir os partidos que dizem compor o centro democrático.

Solidariedade cancela ato a favor de Lula

Após ser vaiado em um encontro do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) com sindicalistas e militantes, o presidente do Solidariedade, Paulinho da Força, cancelou o ato que havia marcado para 3 de maio, quando anunciaria apoio oficial à pré-candidatura do petista ao Palácio do Planalto. O dirigente partidário afirmou, ontem, que ainda tem a intenção de embarcar na campanha de Lula, mas quer saber agora se o PT realmente almeja uma aliança ampla para disputar a eleição contra o presidente Jair Bolsonaro (PL).

“Lógico que você fica incomodado, porque eu não estava em um evento com multidão, estava num evento com militância, com lideranças”, afirmou Paulinho, que é presidente de honra da Força Sindical. “Eu fiquei bastante incomodado porque, em nenhum momento, a direção do PT, nem o Lula nem a Gleisi foram ao microfone dizer que tinha de fazer uma aliança mais ampla, que envolvesse não só o

Apoio ao ex-presidente

O Solidariedade é um dos poucos partidos de centro dispostos a apoiar Lula já no primeiro turno da eleição. O grupo formado por União Brasil, MDB, PSDB e Cidadania, por exemplo, fechou um acordo para anunciar, em 18 de maio, um candidato único da terceira via ao Palácio do Planalto. O objetivo é acabar com a polarização entre o petista e Bolsonaro, que lideram as pesquisas de intenção de voto — o petista aparece na frente, mas o presidente tem recuperado terreno.

Solidariedade, mas também outros partidos de centro.”

Paulinho enviou, ontem, uma mensagem para a presidente do PT, Gleisi Hoffmann, na qual expressou seu aborrecimento com a situação e informou que

Cleia Viana/Câmara dos Deputados



Vaias em evento com ex-presidente aborreceram Paulinho da Força

o ato do dia 3 estava suspenso. “Nós continuamos no intuito de apoiar o Lula, mas queremos re-discutir esse formato, saber qual é o pensamento do PT com relação a uma aliança mais ampla, se realmente o PT quer isso.”

Lula participou, na quinta-feira, de um ato político com representantes e militantes das principais centrais sindicais brasileiras, em São Paulo. Presente no evento, Paulinho foi vaiado ao ter seu nome citado. Alguns petistas

costumam lembrar que o presidente do Solidariedade votou a favor do impeachment do ex-presidente Dilma Rousseff, em 2016. No palco, ao lado de Lula, contudo, estava também o ex-governador paulista Geraldo Alckmin (PSB), anunciado como vice na chapa do petista e que também apoiou, à época, a destituição de Dilma.

Gleisi afirmou que, na conversa com Paulinho, lamentou o ocorrido e reforçou a disposição do PT em manter a aliança. “(A via) Foi de um pequeno grupo e não tem nada a ver com o PT. A maioria da nossa militância entende como é importante o apoio e a presença do Solidariedade e dele (Paulinho) na coligação com Lula”, ressaltou. “Reputo o que aconteceu nos atos à disputa do movimento sindical. Queremos que ele esteja conosco nessa caminhada.”

Paulinho e seu partido indicavam, há algum tempo, que apoiariam Lula na corrida pela Presidência. O dirigente chegou a convidar Alckmin a se filiar à legenda para compor a chapa com

o petista. O ex-tucano negociava também com o PV, mas acabou decidindo migrar para o PSB, após mais de 30 anos no PSDB, sigla que ajudou a fundar. No ato de quinta, Alckmin, que protagonizou embates com o PT no passado, exaltou Lula como o “maior líder popular do país”.

Em nota, a deputada Marília Arraes (PE), que trocou o PT pelo Solidariedade, em março, protestou contra a “intolerância”. “Nosso candidato Lula precisa cada vez mais de solidariedade para juntar os diferentes setores e fortalecermos a democracia com sua vitória. A inclusão de Geraldo Alckmin, seu antigo adversário, como vice-presidente, é um sinal de lucidez e coragem”, destacou. “Por isso, devemos repudiar com toda ênfase as agressões sofridas pelo presidente Nacional do Solidariedade, Paulinho da Força. Só os inimigos de Lula e da democracia se comportam com tamanha intolerância e violência. O que Lula e o Solidariedade querem é derrotar o autoritarismo e a intransigência.”